

NOTA PRÉVIA SOBRE O SÍTIO PR PG 1:
ABRIGO-SOB-ROCHA CAMBIJU

Igor Chmyz*

AMBIENTE

Em fins de 1973 e princípios de 1974, foram realizadas, no segundo planalto paranaense, prospecções arqueológicas em abrigos-sob-rocha. Um dos abrigos, o PR PG 1⁽¹⁾, foi denominado CAMBIJU, por se encontrar nos limites da fazenda homônima. Este abrigo, que é conhecido pelos moradores locais como "Pedra do Veado", por ostentar pinturas, está localizado a 500 m da margem esquerda do rio Quebra Perna, cerca de 8 km acima de sua foz no rio Guabiroba. Ambos são afluentes da margem direita do rio Tibagi.

O Abrigo Cambiju, encontrado na formação do Arenito das Furnas, dista apenas 6 km a nordeste de Vila Velha, atração turística servida pela rodovia asfaltada BR-376. Porém, pela inexistência de acesso direto, torna-se necessário um contorno de aproximadamente 30 km, passando pela sede do município de Ponta Grossa. Desta cidade até o povoado de Passo do Pupo, a estrada é de leito natural. Daí em diante, o percurso é por estradas carroçáveis, barradas constantemente por porteiros.

O local, que está cerca de 880 metros acima do nível do mar, é de campos limpos, os quais constituem relictos de um antigo período climático semi-árido do Pleistoceno,⁽²⁾ e são constituídos por vários gêneros de gramíneas baixas, com poucas ervas, semi-arbustos e arbustos, especialmente o pertencente às mirtáceas, com frutos saborosos (guabiroba-do-campo) e palmáceas anãs. São comuns os capões limitados às depressões mais úmidas. Nestes capões, observa-se uma associação florística idêntica à Mata de Araucária (Meack, 1968:22B).

* Professor do Departamento de Psicologia e Antropologia da UFPR. Doutor em Ciências (Antropologia) pela Universidade de São Paulo. Membro do Conselho Técnico Administrativo do Museu de Arqueologia e Artes Populares. Representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para assuntos de Arqueologia no Paraná.

NOTAS

⁽¹⁾ Sigla usada de acordo com o "Plano de Cadastro de Sítios Arqueológicos" do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

⁽²⁾ A presente Nota Prévia já havia sido encaminhada à imprensa, quando surgiu o trabalho mais detalhado, sobre o assunto, de Oldemar Blas: Cultura do Índio pré-histórico, rio Iapó, Tibagi, Paraná, Brasil. Arquivos do Museu Paranaense, Curitiba, Arqueologia 6, 20 p., 1972, 48 fig., 2 pr.

⁽³⁾ Até o momento apenas um estudo mais profundo foi realizado na Bahia, na região da Chapada da Diamantina, com o estabelecimento de tradições baseadas nas técnicas e motivos das pinturas rupestres (Calderón, 1970:5).

⁽⁴⁾ As pinturas e gravações rupestres brasileiras foram abordadas demoradamente por José Anthero Pereira Júnior (1967:153). Outras informações sobre o estado de Minas Gerais existem em uma publicação do Departamento Geral de Estatística (1938). Para o estado do Mato Grosso são valiosas as informações de Herbert Baldus. As pinturas foram por ele documentadas em abrigos situados em escarpas areníticas, a 870 m de altitude, cerca de 25 km ao nordeste de Cuiabá (Baldus, 1937:5). Recentemente o Museu Paulista divulgou uma série de pinturas estudadas no estado do Piauí, representando homens, corças, etc. e emas (M.E.E.P., 1973).

⁽⁵⁾ As pintações analisadas por Osvaldo Menghin nos vales dos rios "Desado" e Santa Cruz, na Patagônia argentina, foram enquadradas no "Estilo de Genas" e lembram as do Paraná (Menghin, 1957:65).

⁽⁶⁾ Outro abrigo-sob-rocha prospeccionado na região, o PR PG 2: Morro do Castelo, revelou, até o momento, a superposição de três camadas de ocupações. A superficial é representada por restos cerâmicos da tradição Casa de Pedra. Mais abaixo, foram encontradas evidências pré-cerâmicas, caracterizadas por grandes artefatos elaborados sobre núcleos de diabásio e arenito silicificado. A terceira ocupação, localizada entre 1,20 e 2,60 m de profundidade, corresponde à do Abrigo Cambiju. Estão presentes, inclusive, fragmentos de hematita, alguns desgastados pelo uso.

As prospecções iniciadas no abrigo PR PG 2 atingiram 3,20 m de profundidade, sem alcançar ainda a sua base rochosa.

As diferenças observadas entre as profundidades dos componentes culturais correlatos nos dois abrigos, devem-se aos fatores ambientais: o sítio PR PG 1, ocupando a flanco de uma elevação, apresenta uma sedimentação mais lenta, ao passo que o PR PG 2, situado no plano inferior de uma garganta, recebe maior volume de detritos.

Nos afloramentos de lajedos parcialmente desnudos, graças a uma delgada camada de solo, ocorre uma vegetação xerófitica (Bigarella, 1968:27).



Fig. 1

As precipitações observadas em Ponta Grossa, atingem 1 422,8 mm anuais, sendo mais acentuadas nos meses quentes (outubro a março): 838,9 mm. Entretanto, nas proximidades da Escarpa Devoniana, as precipitações são mais intensas, alcançando 1 600 mm por ano.

O clima, segundo a classificação de W. Köppen, é Cfb. A temperatura máxima absoluta, registrada em Ponta Grossa, foi de 35,5°C e a mínima absoluta de -4,8°C. A temperatura média anual é de 17,6°C (Maack, 1968:111).

Esse ambiente abrigava rica fauna, composta principalmente por cervídeos (veados), canídeos (guarás), desdentados (tatus, tamanduás), estrutionídeos (emas), etc.



Fig. 2



Fig. 3

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO

O Abrigo-sob-rocha Cambiju faz parte de uma série de afloramentos areníticos no vale de um extinto riacho, dispostos perpendicularmente à margem esquerda do rio Quebra Perna. Também nas margens deste rio e nas de outros menores, encontram-se muitas formações areníticas semelhantes.

O solo atual do abrigo está cerca de 10 m acima do fundo do vale. A porção protegida do sítio compreende uma área de 5,5 m de comprimento e 12 m de largura. A sua altura máxima é de 3,3 m, justamente no limite externo do teto. Para o interior, o abrigo torna-se exíguo devido ao aclive do solo e o abaixamento do teto. A cavidade foi formada pelo desprendimento gradativo das camadas da rocha. O teto é levemente arqueado e a parede é constituída por cornijas estreitas e alongadas (figs. 3 e 5).

No fundo do abrigo escorre vagorosamente uma água límpida e fresca,

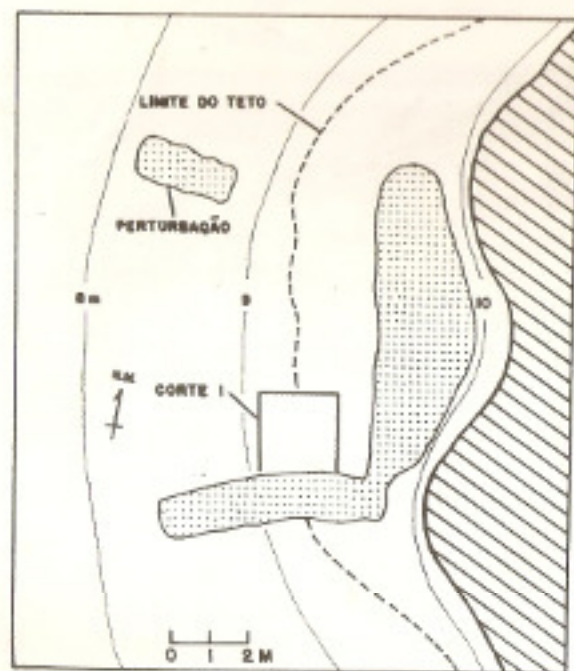


Fig. 4

Apesar das dificuldades de acesso, o local foi muito visitado e perturbado. O solo, em consequência, apresenta-se revolvido em grande parte. Uma trincheira aberta por curiosos no sentido NW-SE, desde o ponto mais profundo até o lado de fora, e que atingiu a base rochosa do abrigo, deixou à mostra a camada arqueológica. Um corte-estratigráfico com 4 m² foi por nós praticado ao lado da referida trincheira e no limite entre a parte protegida pelo teto e a externa. Observou-se a seguinte estratigrafia (fig. 5):

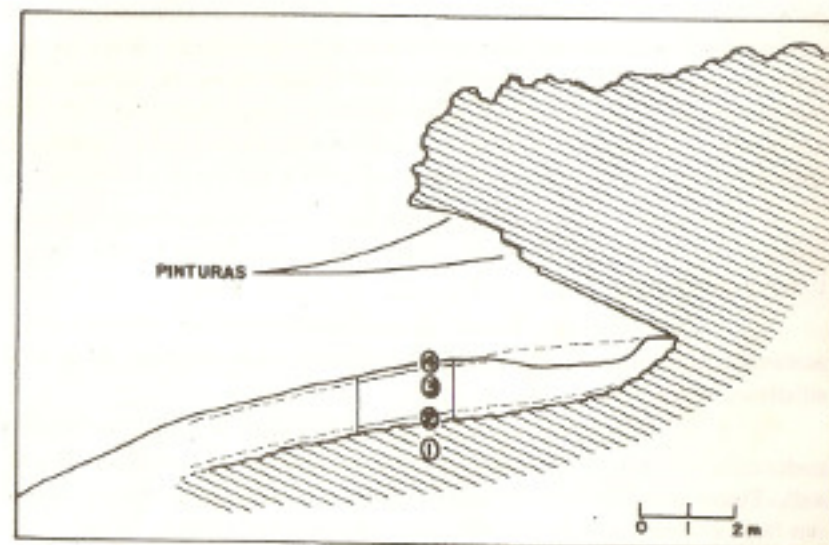


Fig. 5

4. Solo arenoso, de cor cinza-escuro, medindo 20 cm de espessura. Estava bastante perturbado pelos trabalhos clandestinos e era atravessado por muitas raízes. Os blocos de arenito friável eram freqüentes;
3. Solo arenoso, de cor negra, medindo 80 cm de espessura; nos seus primeiros quarenta centímetros ainda eram notadas perturbações; as peças arqueológicas e os fragmentos de carvão vegetal eram raros. Nos centímetros restantes da camada, especialmente nos últimos vinte, as evidências arqueológicas tornaram-se freqüentes. Os blocos de arenito friável ocorriam em quantidade, como na anterior;

2. Solo arenoso, de cor marrom-claro, com muitos blocos de arenito friável; média 30 cm de espessura. Era estéril de evidências arqueológicas;
1. Embasamento rochoso.

O MATERIAL LÍTICO

Foram numerosos, desde a superfície até à base do sítio, os blocos de arenito friável. Porém, nenhum apresentava sinais de trabalho, nem de uso. As lascas e lâminas de sílex começaram a aparecer, raras e esparsamente, após os primeiros 50 cm da superfície. Tornavam-se um pouco mais numerosas entre 60 e 80 cm de profundidade; nesta profundidade ocorreram os primeiros artefatos. A maior concentração, tanto de lascas e lâminas como de artefatos, verificou-se entre 80 e 100 cm de profundidade.

As lascas e as lâminas, pelo seu número, indicam intensa atividade humana no local. Foi possível coletar diminutas lascas resultantes do trabalho de retoque dos artefatos.

O sílex apresentou-se com várias tonalidades de cor: esbranquiçado, acinzentado, amarelado e avermelhado. Foram raras as lascas de arenito silicificado e diabásio.

Entre os artefatos, destacam-se as pontas-de-projétil, com aletas e pedúnculo côncavo, que variam de 20 a 45 mm de comprimento (fig. 6, a-d). Todas foram elaboradas sobre lascas e apresentam cuidadoso retoque nas faces e bordos. Algumas ainda conservam restos do córtex.

Uma ponta-de-projétil quebrada foi reutilizada como raspador terminal (fig. 6, e).

Também numerosos são os raspadores plano-convexos, sobre lascas e núcleos, com comprimentos que variam de 30 a 75 mm. Ostentam uma face plana ou levemente arqueada. A face oposta, convexa, mostra facetas resultantes dos lascamentos por percussão. Os retoques, nesses artefatos, limitaram-se à porção periférica da face superior. Graças a esses retoques, os artefatos são ativos em todos os bordos. Os ângulos, observados na porção terminal das peças, variam de 50° a 70° (fig. 6, f-i).

Um raspador do tipo terminal, elaborado sobre lasca preparada, também está presente. A sua face interna é levemente côncava. A oposta é multifacetada. Os retoques limitam-se à extremidade apical, na porção periférica de sua face externa. O ângulo é de 40°. Mede 25 mm de comprimento e 20 mm de largura (fig. 6, j).

Um perfurador de bordo curvo foi elaborado sobre uma lâmina. A sua extremidade apical é um pouco arqueada. Os retoques ocorrem na porção periférica da face externa. O ângulo é de 40°. Mede 40 mm de comprimento e 15 mm de largura (fig. 6, k).

Ainda foi constatada uma faca sobre lasca, de formato trapezoidal, com retoques periféricos na face externa. O ângulo é de 40°. Mede 35 mm de comprimento e 20 mm de largura (fig. 6, l).

Algumas lascas simples com crosta, em forma de cunha e preparadas, apresentam sinais de uso em suas arestas (fig. 6, m).

Um núcleo de diabásio foi utilizado como percutor, havendo, em uma de suas faces, uma depressão picoteada (quebrador-de-coquinho). Sobre outro núcleo de diabásio foi elaborada uma lâmina-de-machado. Esta peça conserva a crosta natural numa face. A oposta está multifacetada em consequência dos lascamentos sofridos. Numa das extremidades há porções alisadas. A outra extremidade, que também deveria atuar como gume, está parcialmente quebrada. Algum alisamento pode ainda ser notado nessa parte. Na porção mediana da peça, no sentido transversal, as arestas estão muito desgastadas. Também os bordos, no mesmo sentido, apresentam esmagamentos. Esses indícios sugerem que a lâmina-de-machado foi encabada por enlaçamento na porção mediana transversal, permanecendo as duas extremidades com gumes atuantes (fig. 6, n). Mede 145 mm de comprimento e 90 mm de largura.

Ainda na lâmina-de-machado, sobre as partes alisadas e mesmo sobre as faces resultantes dos lascamentos, notam-se impregnações de hematita.

Os fragmentos de hematita (sesquióxido de ferro) começaram a ocorrer, em associação com os demais restos arqueológicos, a partir dos 60 cm de profundidade. Foram mais comuns entre 80 e 100 cm de profundidade. Nesta, inclusive, existem fragmentos de hematita com sinais de utilização: uma placa está alisada e com estrias paralelas, outro apresenta desgaste em forma de canaleta. Mais sugestivo é o que está apontado e alisado nas faces e lados. Teria funcionado como uma espécie de "lápis".

Todos os fragmentos de hematita, bem como a impregnação sobre os gumes da lâmina-de-machado, são da mesma tonalidade de cor marrom-avermelhada das sinalações existentes no teto e na parede do abrigo.

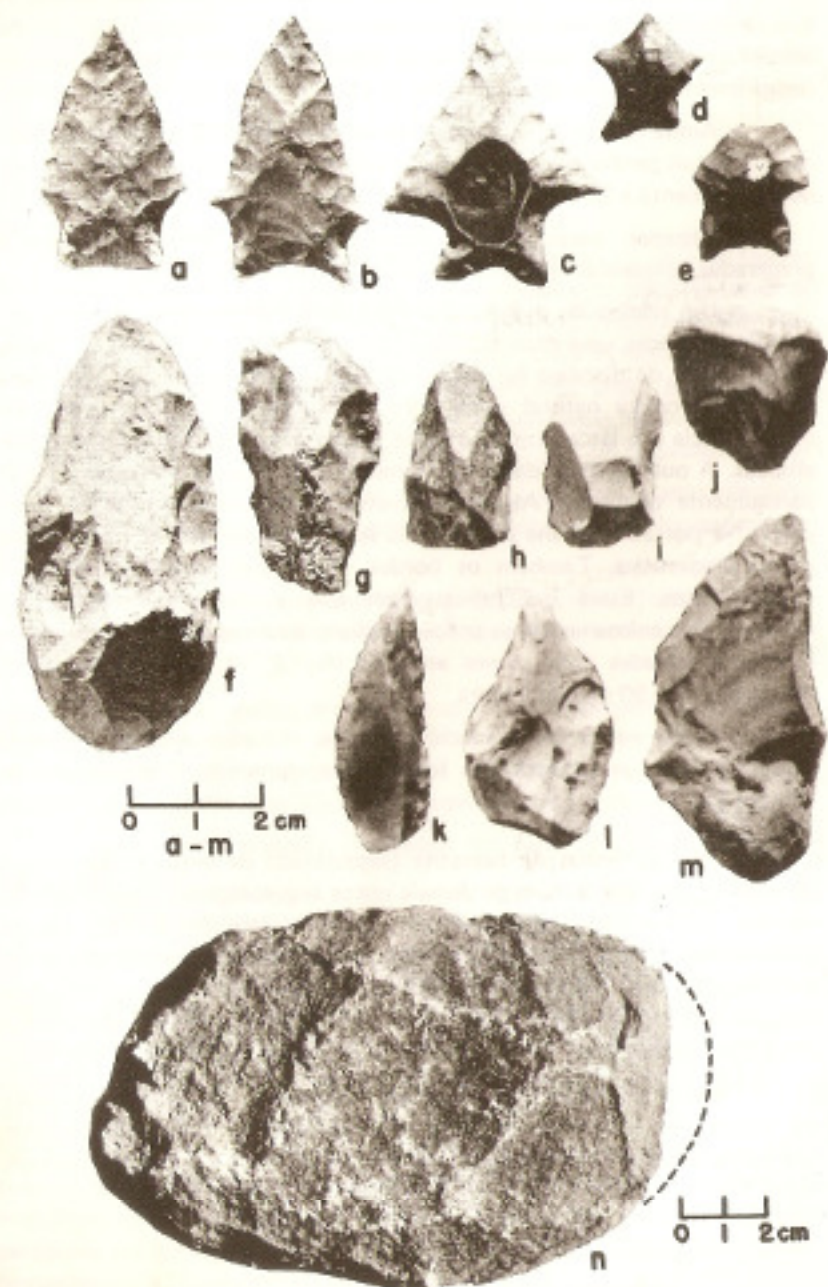


Fig. 6

Estudos Brasileiros, Curitiba, (2):231-246, dez. 1976

AS PINTURAS

Essas manifestações são encontradas formando um conjunto no teto do abrigo, cerca de 3 m acima do solo atual, e na parte frontal das saliências ou cornijas, resultantes dos desabamentos das camadas de arenito. Como em geral essas áreas planas e alongadas medem 30 cm de altura, as sinalações foram dispostas em alinhamento (figs. 2 e 3).

Tanto as pinturas do teto como das cornijas foram executadas com pigmentos minerais da mesma tonalidade marrom-avermelhada.

No teto estão representados uma ema, com 35 cm de altura, e um veado galhado, com 25 cm de altura. Este último está em atitude de movimento. As duas figuras foram completamente preenchidas de tinta. A outra representação é bastante confusa e parece estar incompleta: são duas elipses concêntricas; da externa partem apêndices, como pescoço e cabeça, patas e cauda. Lembra uma tartaruga. Esta figura foi apenas delineada, sendo a tinta possivelmente aplicada com a ponta do dedo. Mais adiante está



Fig. 7

uma sinalação que poderia ser a galhada de outro veado que não chegou a ser completado, ou uma estilização antropomorfa. Na parte posterior da "tartaruga", entre a "cauda" e a "pata", estão duas representações de pegadas. Outra sinalação quase do mesmo feitio está próxima à cabeça da ema (fig. 7).

Todos os desenhos das cornijas estão delineados, talvez com a ponta do dedo. Como a parte frontal das cornijas apresenta uma coloração rosa pálida, as figuras ficam parcialmente confundidas.

Ocupando o extremo norte da cornija mais elevada, cerca de 2,20 m do solo atual, está uma possível corça. A cabeça não pôde ser totalmente representada porque coincidiu com o fim da área plana disponível (fig. 8).

Outra corça está representada na extremidade sul da cornija intermediária. Nesta, a cabeça está completa e ostenta as orelhas. Tanto esta como a anterior estão "correndo" para o norte. Os corpos, especialmente da segunda, são desproporcionais. Ao lado esquerdo da corça da cornija intermediária, verifica-se uma figura enigmática: com o corpo elevado, pata dianteira suspensa e a cauda em arco, lembra um símio. Esta representação também foi prejudicada pela irregularidade da rocha.

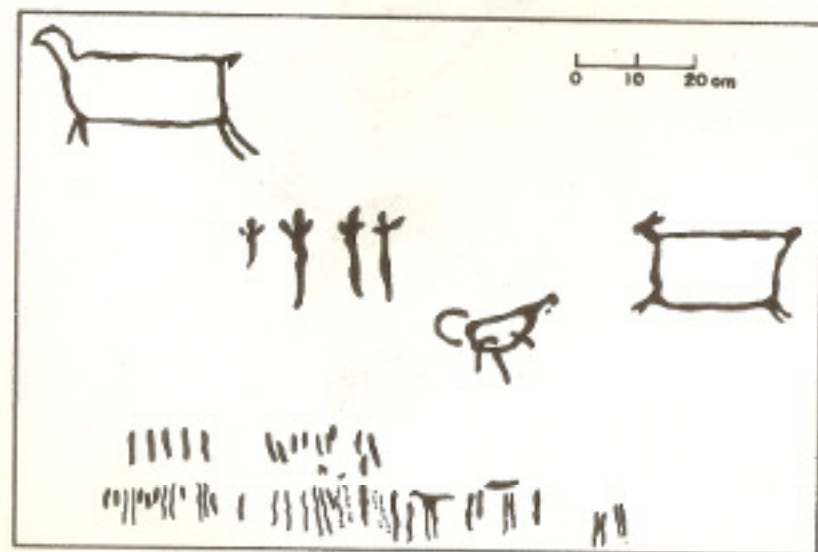


Fig. 8

Ocupando o extremo norte da mesma área, há uma série de quatro possíveis figurações antropomórficas estilizadas.

Na cornija mais baixa ocorrem duas filas de traços paralelos. Alguns foram executados possivelmente com a ponta do dedo e outros com algum objeto de extremidade fina, como "pincel". Destacam-se, ainda, dois pares de linhas pontilhadas, entre as anteriores.

Outras sinalações podem ainda ser notadas nas cornijas, mas o seu levantamento não foi possível pelos métodos normais, pois apresentam-se parcialmente desvanecidas e mutiladas.

As evidências foram documentadas através de fotos coloridas e em preto-e-branco, além de cópias diretas com o auxílio de folhas de polietileno translúcidas.

DADOS COMPARATIVOS E CONCLUSÕES PARCIAIS

Em 1956, Annette Laming e José Emperaire realizaram prospecções em abrigos rochosos situados na Escarpa Basáltica do segundo planalto paranaense, cerca de 60 km ao norte do Abrigo Cambiju. Os sítios visitados ficam ao longo do rio Iapó, afluente da margem direita do rio Tibagi, na divisa entre os municípios de Piraí do Sul e Tibagi (fig. 1).

As pinturas, que foram observadas nas paredes de vários abrigos, representam corças, veados galhados, aves, entre as quais a ema, patas ou pegadas de aves, e outras sinalações de difícil interpretação ou parcialmente desvanecidas (Laming & Emperaire, 1968:82 e s.).

Destaca-se, nas pinturas do vale do Iapó, o conjunto representado por três corças que "caminham" em direção a um cercado, estando, uma delas, já no seu interior. Algumas figuras foram preenchidas, enquanto que outras apenas contornadas. O pigmento empregado nas pinturas é de cor vermelha, havendo raros traços de cor amarela.

Dez anos mais tarde, Oldemar Blasi efetuou novas prospecções na mesma região do rio Iapó. Outros três conjuntos de pinturas foram documentados em tetos e paredes de abrigos rochosos. Continuaram sendo comuns as representações de corças, veados galhados e pássaros. Porém ocorreram algumas figuras inusitadas: cobra, lagarto, tamanduá, aranha, peixe e uma cena de pesca. Esta cena, bem como as demais sinalações incomuns que infelizmente não foram reproduzidas no trabalho do citado autor, representa uma figura humana segurando uma vara, em cuja linha está preso um peixe (Blasi, 1970:462 e s.). As pinturas dos três conjuntos,

sempre executadas com pigmentos de cor vermelha, apresentam-se isoladas ou agrupadas, preenchidas ou apenas contornadas⁽²⁾.

Até o momento, incluindo as pinturas do Abrigo Cambiju, as comentadas acima são as únicas documentadas no Paraná. Outras sinalações parietais existem, mas que, pela técnica e motivos, afastam-se das abordadas: são as gravações de Vargem Grande, associadas à tradição ceramista Casa de Pedra (Chmyz, 1967; 1968:53) e as do Abrigo Bruacas, relacionadas à tradição ceramista Itararé (Chmyz, 1969:124), ambas situadas no vale do médio rio Iguaçu, a primeira nas proximidades da Escarpa Triássico-Jurássica do terceiro planalto paranaense e a segunda, sobre a mesma.

Em outros Estados brasileiros, as pinturas parietais foram assinaladas. Excluindo alguns casos, porém, a carência de métodos científicos, seja da documentação em campo, seja da análise e divulgação, impossibilita uma tentativa de correlacionamento⁽³⁾. Certas afinidades de estilo e motivos, com as pinturas do Estado do Paraná, podemos verificar principalmente em algumas de Minas Gerais e Mato Grosso⁽⁴⁾, bem como fora do Brasil, no sul da Argentina⁽⁵⁾, mas faltam ainda elementos para comparações mais profundas.

As evidências arqueológicas do solo do Abrigo Cambiju permitem comparações com as da fase Potinga. Os sítios desta fase da subtradição Iguaçu foram localizados no médio rio Iguaçu, no segundo planalto paranaense (fig. 1). Encontram-se na faixa compreendida pela Mata de Araucária, entre 760 e 830 m de altitude. São sítios rasos ou de superfície (Chmyz, 1968:39; 1969b:108). A cronologia para esta fase é relativa em função das fases Bituruna e Iguaçu, da mesma subtradição: cerca de 3 000 anos antes do presente.

Como hipótese de trabalho, estamos inclinados a aceitar um relacionamento do material lítico encontrado no solo do Abrigo Cambiju e as sinalações rupestres do mesmo abrigo.

No solo perturbado da Lapa Floriano, um dos locais relatados por Blasi, foram encontrados raspadores, batedores com depressão central (quebradores-de-coquinhas), trituradores, ponta-de-projétil etc., e fragmentos de hematita com sinais de utilização. Mas também ocorreram cacos de cerâmica simples. Na face interna de um deles havia delgada camada de tinta vermelha (Blasi, 1970:463). Este autor, devido às condições caóticas do solo do abrigo, não tentou correlacionar as evidências líticas e/ou cerâmicas às pinturas encontradas nas paredes.

A mesma incerteza, ainda devido à falta de elementos, nota-se em Laming e Emperaire com relação ao estágio cultural dos autores das pinturas

por eles estudadas no vale do rio Iapó (Laming & Emperaire, 1968:88)⁽⁶⁾.

Novas pesquisas serão brevemente realizadas no Abrigo Cambiju, bem como em outros existentes na região. Espera-se conseguir, com os novos resultados, mais subsídios para as hipóteses de trabalho apontadas nesta Nota Prévias.

AGRADECIMENTOS

Nos trabalhos de campo, o autor contou com a colaboração da Sra. Lygia G. Chmyz e do Sr. João Carlos G. Chmyz, Preparador do Museu de Arqueologia e Artes Populares. Este último também desenvolveu atividades de laboratório junto ao material coletado.

Ao Sr. Pedro Uberna, que prestou valiosas informações sobre o sítio arqueológico, e ao Dr. Tobias de Macedo Júnior, um dos proprietários da Fazenda Cambiju, igualmente externo o meu reconhecimento.

O apoio financeiro aos trabalhos de campo foi concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

RESUMO

Pesquisas desenvolvidas em 1973 e 1974 nas escarpas do segundo planalto paranaense revelaram restos arqueológicos em abrigos rochosos. No teto e paredes de um deles, o PR PG 1: Cambiju, havia pinturas realistas de animais (veado, corça, ema etc.) e outras sinalações esquematizadas. Foram executadas com pigmentos minerais de cor marrom-avermelhada (hematita).

No solo do abrigo, até um metro de profundidade, ocorreram evidências pré-cerâmicas: pontas-de-projétil, raspadores plano-convexos e terminais, faca e lâmina-de-machado. Foi tentada uma correlação deste material com o da fase potinga, do médio rio Iguaçu, cuja cronologia relativa é de 3 000 anos antes do presente.

A existência de fragmentos de hematita, alguns com sinais de uso, juntamente com os artefatos da camada arqueológica do abrigo, permite a hipótese do seu correlacionamento com as pinturas do teto e parede.

SUMMARY

Studies undertaken in 1973 and 1974 of the slopes in second plateau within Paraná revealed archeological remains in rocky shelters. On the ceiling and walls of one of them, the PR PG 1: Cambiju, were realistic

paintings of animals (deer, doe, emu, etc.) and other outlined shapes. They were carried out in mineral pigments of a reddish-brown colour (hematite).

On the floor of the shelter, up to a meter in depth, there were present pre-ceramic evidences: projectile points, scrapers — both plain-convexed and terminal —, knives and ax-blade. A correlation was attempted of this material with that of the Potinga Phase, of the middling Iguacu River, whose relative chronology is 3,000 years before the present.

The existence of hematite remains, some with signs of use, together with artefacts of the archeological layer of the shelter, permit a hypothesis of its correlation with the works found on the ceiling and walls.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALDUS, Herbert. As pinturas rupestres de Sant'Ana da Chapada (Mato Grosso). *Revista do Arquivo Municipal, São Paulo*, 40:5-14, 1937. 31 fig.
- BIGARELLA, João José. Melo natural. In: BALHANA, Altivo P. & MACHADO, Brasil P., coord. *Estruturas agrárias — Campos Gerais*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Departamento de História, 1968. 268 p., p. 17-28. 3 fig.
- BLASI, Oldemar. Aspectos da arte pré-histórica no sul do Brasil. In: SYMPOSIUM INTERNATIONAL D'ART PRÉ-HISTORIQUE. Actes du... Capô di Ponte, 1970. p. 461-65. 2 fig.
- CALDERÓN, Valentín. Nota prévia sobre três fases da arte rupestre no Estado da Bahia. *Universitas, Salvador*, 5:5-17, 1970. 6 fig.
- CHMYZ, Igor. O sítio arqueológico PR UV 1: abrigo sob rocha Casa de Pedra. *Arqueologia, Curitiba*, 3:1-40, 1967. 10 fig., 4 fotos.
- . Breves notas sobre petróglifos no segundo planalto paranaense: sítio PR UV 5. *Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Curitiba*, 1:53-63, 1968. 3 fig.
- . Novas manifestações da tradição Itararé no Estado do Paraná. In: SIMPÓSIO DE ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO PRATA, 3. Anais. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, 1969. p. 121-9. 2 fig.
- . Pesquisas arqueológicas no alto e médio rio Iguacu. *Publicações avulsas do Museu Paranaense Emílio Goeldi, Belém*, 13:103-25, 1969. 2 figs., 6 est.
- LAMING, Annette & EMPERAIRE, José. Descobertas de pinturas rupestres nos planaltos paranaenses. *Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Curitiba*, 1: 81-93, 1968. 2 fig.
- MAACK, Reinhard. *Geografia física do Estado do Paraná*. Curitiba, Banco do Desenvolvimento do Paraná, 1968. 350 p. il.
- MENGHIN, Osvaldo F.A. Estilos de arte rupestre en Patagonia. *Acta Praehistorica, Buenos Aires*, 1:57-87, 1957. 28 fig.
- MINAS GERAIS. Departamento Geral de Estatística. *As grutas de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Oficinas Gráficas da Estatística, 1939. 278 p. il.
- MISSÃO DE ESTUDOS NO ESTADO DO PIAUÍ. *Primeiro relatório*. São Paulo, Museu Paulista, 1973. 5 p. 8 fig.
- PEREIRA JÚNIOR, José Anthero. *Introdução ao estudo da arqueologia brasileira*. São Paulo, Bentivegna, 1967. 262 p. 67 fig.